

## RUPI KAUR: UM PASSAR PELA DOR PARA O CONQUISTAR COLETIVO DA CURA

Fernanda Barroso e Silva\*  
Rogério de Souza Sergio Ferreira\*\*

**RESUMO:** O presente artigo se dedica a investigar como é estabelecida a questão da cura na obra *milk and honey* (2015) da poeta contemporânea Rupi Kaur. O *corpus* de análise compreende a última seção do livro, que é intitulada “a cura” e apresenta 58 poemas. Para o estudo, utiliza-se, além de trabalhos de críticas literárias feministas, como Elaine Showalter (1979) e Lúcia Zolin (2019), a ferramenta *Voyant* que possibilita geração de dados linguísticos presentes no âmbito textual, corroborando para o desenvolvimento de análises mais completas acerca do tema.

**Palavras-chave:** Autoria feminina. Rupi Kaur. *Milk and honey*. Poesia. Cura.

Em meio às novidades tecnológicas da modernidade, muitos poetas têm apostado na internet como um meio de veiculação de seus escritos, principalmente através do Instagram – rede social em que fotos e vídeos são compartilhados com a possibilidade de serem acompanhados ou não por legendas. Esses instapoetas, como são chamados, alavancaram a poesia para além das plataformas digitais, conquistando lugares nas livrarias e, principalmente, na mesa de cabeceira dos leitores. É nesse contexto que Rupi Kaur, poeta nascida em Punjab, na Índia, e desde os seus cinco anos radicada no Canadá, ganhou notoriedade e, em 2014, autopublicou *milk and honey* — lançado pela editora *Andrews McMeel Publishing* no ano seguinte — e vem, desde então, veiculando seus escritos alinhados à causa feminista. Através de poemas extremamente fortes e simbólicos, a escritora constrói um duplo dizer por meio de palavras e ilustrações também produzidas por ela, resultando em mensagens potentes e que geram grande identificação por parte do público-leitor.

### A escrita de Rupi Kaur

Ao se pensar acerca da produção de Kaur e de sua estreita relação com o universo feminino, é necessário levar em consideração alguns pontos acerca da vivência das mulheres ao longo da história. Isso porque elas passaram diversos processos de exclusão e de invisibilidade, o que tornou seu percurso repleto de lutas e de reivindicações – fato que é incansavelmente retratado pela poeta. Nessa perspectiva, o universo que circunda o feminino, perpassando suas dores e conquistas, é retratado em seu livro *milk and honey* (2015), traduzido para o Brasil como *outros jeitos de usar a boca* (2017), o qual destaca a força e o renascimento do feminino. Quase como uma ode às mulheres, ainda mais ao se considerar seu tom oralizante, essa obra, dividida em quatro partes intituladas “a dor”, “o amor”, “a ruptura” e “a cura”, contribui diretamente para a construção historiográfica do que é ser mulher em um corpo social

---

\* Mestranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Pesquisa as poetisas contemporâneas Rupi Kaur e Ryane Leão. É licenciada em Letras-Português pela UFJF. Publicou o artigo “A subversão da personagem feminina em “The bloody chamber and other stories, de Angela Carter” na revista *Acta Scientiarum*. Atua como revisora textual de dois periódicos (ISSN: 2675-3200; 2675-2514) e como docente particular. E-mail: fernandabarroso2@gmail.com

\*\* Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizou Pesquisa Pós-Doutoral na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara. Professor Associado da UFJF. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente com Digital Humanities (interpretação literária com auxílio da informática) e Literatura Comparada (Inglês/Português). Proferiu palestras sobre literatura brasileira nos séculos XIX e XX na Stephen F. Austin State University, no Texas, Estados Unidos. E-mail: rogeriossferreira@gmail.com

patriarcal que ao feminino impõe silenciamento e opressão históricos. São poemas que aparecem como uma possibilidade não apenas de encontrar a própria voz, mas também a de proporcionar às outras que redescubram as suas vozes e, assim, contem suas histórias.

Diante desse eixo presente no trabalho da escritora, esse pontuar aspectos relacionados à história da mulher torna-se indispensável para não “perder ou interpretar mal os temas e estruturas da literatura feminina, deixar de fazer as conexões necessárias dentro de uma tradição” (SHOWALTER, 1979, não paginado, tradução nossa)<sup>1</sup>. Destaca-se, por conseguinte, que pensar o campo literário em relação ao feminino é necessariamente e indiscutivelmente pensar a busca pelo direito de expressão. Isso porque, como apontado por Zolin (2019), a Literatura é um território contestado ao passo que as mulheres, confinadas e apontadas como invisíveis, foram submetidas e silenciadas por tanto tempo:

a literatura de autoria feminina, à medida que vai se consolidando, vai conferindo novos contornos à representação da mulher, compondo outros rostos, nem sempre subjetificados, mas, em sua heterogeneidade, mais próximos da ideia de que o pensamento feminista vem construindo em torno da categoria ‘mulheres’ (ZOLIN, 2019, não paginado).

Desse modo, vislumbra-se que essa produção estética e cultural de autoria feminina é erigida a partir da visão sociocultural das próprias mulheres, apresentando, por conseguinte, uma tendência subversiva e uma importante revisão de valores. Somado a isso, é essencial também compreender o espaço da mulher como escritora — “a mulher como produtora de sentido textual, com a história, os temas, gêneros e as estruturas da literatura escritas pelo feminino” (SHOWALTER, 1979, não paginado, tradução nossa)<sup>2</sup> — em oposição à mulher apenas como leitora de textos patriarcais, o que sempre fora estimulado pela tradição. O feminino, assim, apresenta um constante lutar por seus direitos que é embebedado na reafirmação de si, como um meio de se (re)encontrar após anos de exclusão. Nota-se, a partir do que foi apresentado, que o silenciamento perpassa a vida da mulher em todos os âmbitos, resultando, entre outros aspectos, em uma necessidade emergente e cada vez mais forte do falar sobre si para destacar sua história e lidar com as marcas que ficaram no seio da construção da sua identidade.

É diante desse cenário que, através de poemas curtos com linguagem acessível e carga emocional forte, Kaur propõe uma intensa reflexão acerca dos entornos da vida do feminino, trazendo à tona assuntos pouco discutidos e até mesmo considerados tabus. Como apontado por Hernández (2017), a autora mistura diferentes tons no decorrer da obra, a depender do conteúdo com o qual está lidando: “(...) nas obras em que estupro, dor ou o coração partido são a principal questão, ela usa um tom sério, quase dramático. Por outro lado, quando sensualidade e sexo passam a ser o assunto, ela se volta para um tom erótico, em contraposição ao drama” (HERNÁNDEZ, 2017, p. 9, tradução nossa)<sup>3</sup>. Desse modo, além de falar sobre resistência, luta, empoderamento e construção do amor próprio, a poeta também aborda o lidar com a dor, transformando-a em algo como um grito de guerra para atingir a cura — um processo de ressignificar as cicatrizes, aceitá-las e, assim, renascer.

Sob esse prisma, é notável que, em *milk and honey* (2015), é explicitada uma jornada de sobrevivência; de como lidar com as dores e se curar através da própria poesia. Esse aspecto

---

<sup>1</sup> “miss or misinterpret the themes and structures of women’s literature, fail to make necessary connections within a tradition”.

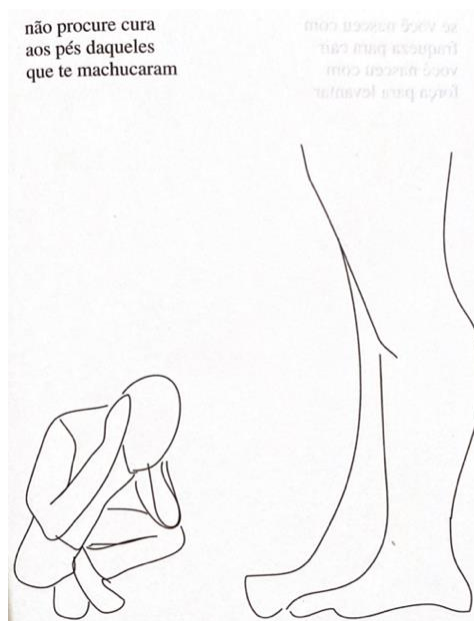
<sup>2</sup> “[...] woman as the producer of textual meaning, with the history, themes, genres, and structures of literature by women”.

<sup>3</sup> “[...] in those works in which rape, pain or heart-breaking are the main issue, she uses a serious, almost dramatic tone. On the other hand, when sensuality and sex become the subject, she turns to an erotic tone, as a contraposition to the drama.”

é extremamente pungente nos poemas que compõem a obra, assim como também o é na história das mulheres, demarcando, assim, uma intensa conexão entre a produção e a realidade vivida pelo feminino — um diálogo que ocorre em vários âmbitos do trabalho da poeta. Diante desse cenário, surgem os seguintes questionamentos: quais são as estratégias utilizadas por Kaur para falar sobre a cura? De que forma essa temática se estrutura linguisticamente em seus poemas? Com o fito de responder essas indagações, este trabalho se propõe a analisar como essa passagem do sofrimento para a o encontro de si ocorre, percebendo e notabilizando o desenvolvimento desse processo de cura nos 58 poemas que compõem a última seção da obra. Como base para o estudo a ser desenvolvido acerca da seção “*the healing*” (a cura), destacando que será utilizado o texto original, a ferramenta *Voyant*, que gera diversos formatos de gráficos para análise e é online e gratuita, será utilizada para o estabelecimento de dados específicos acerca do *corpus*. Em sequência, essas informações serão utilizadas para o desenvolvimento de considerações e de um melhor entendimento da obra em questão.

## Os poemas

As produções que fazem parte da seção sobre cura na obra de Kaur transpassam esse tópico de maneira ampla, tocando em pontos como o superar de uma relação passada, o necessário aceitar-se e o subsequente amor destinado a si. Da mesma forma que a cura é um processo, os poemas também mostram um desenvolvimento: começam com um apontar de caminhos a serem seguidos e de atitudes a serem tomadas, e finalizam com a marcação de uma auto aceitação e autoafirmação. Nesse viés, destaca-se que “Por meio de um efeito de denúncia, Rupi Kaur, em seus poemas, desenhos e fotografias, coloca em funcionamento um efeito de/sobre as mulheres em diferentes posições de dizer” (GARCIA et al, 2018, p. 85), dando ao feminino o direto à voz. É assim que, através da forte carga semântica das palavras colocadas em seus versos, a poeta intenta levantar reflexões acerca da posição da mulher no contemporâneo, mas sem deixar de apontar para a possibilidade palpável da cura. Diante disso, esses textos muitas vezes se pautam na utilização de construções imperativas, em um direto chamado e comunicado a essas mulheres:



Fonte: KAUR, 2017, p. 163.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “do not look for healing  
at the feet of those

Somado ao constructo linguístico do poema acima, a ilustração presente colabora para o estabelecimento do sentimento que emana dessa página: é possível perceber uma pessoa sentada em posição de sofrimento, com as mãos na cabeça como se pensativa ou até nos ouvidos para tampá-lo e, assim, centrar apenas em si, neutralizando os estímulos do ambiente externo; ao lado dela, um outro indivíduo, representado em tamanho maior, se faz presente, correspondendo à figura “daqueles/ que te machucaram”. Ao lado dos dois, a afirmação se faz categórica: não há como alcançar a cura se mantendo na situação e ao lado de quem te causou a dor — para as mulheres, portanto, a mensagem consiste no fato de que será necessário ultrapassar o viés patriarcal e todos aqueles que levaram as mulheres ao abismo para que elas consigam chegar à superação. Esse é apenas um dos tantos apontamentos que Kaur faz ao longo de sua obra.

### A figura da mulher

Ao se refletir sobre esse apontar direções a serem seguidas feito pela poeta, é interessante pontuar sobre um dos dados fornecidos pela ferramenta *Voyant* em relação à variação de incidência dos termos presentes. Por se tratar de uma obra totalmente permeada pelo feminino, suas questões e demandas, sendo essa a grande temática da obra e a figura para a qual os poemas se destinam, podia-se esperar que o termo “*women*” (mulheres) fosse o com maior acontecimento no objeto de estudo. Contudo, o que se verificou foi diferente:

|   |                          | Termo       | Contagem | Tendência |
|---|--------------------------|-------------|----------|-----------|
| + | <input type="checkbox"/> | 1 like      | 12       |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 2 love      | 9        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 3 want      | 8        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 4 women     | 8        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 5 body      | 6        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 6 people    | 6        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 7 woman     | 6        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 8 beautiful | 5        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 9 beauty    | 5        |           |
| + | <input type="checkbox"/> | 10 don't    | 5        |           |

**Fig. 1: Tabela com a relação e a contagem das palavras presentes no *corpus*.**

Ao se observar a figura 1, vê-se que, ocupando os três primeiros lugares de recorrência na *corpus* de análise estão: “*like*” (que aparece traduzido, em *outros jeitos de usar a boca*, como “gostar” e “como”), “*love*” (tanto como “amor”, como “amar”) e “*want*” (o verbo querer). A partir disso, é possível notar que, como verbos, esses aparecem na obra sempre apontando para sentimentos e desejos das mulheres, marcando o seu universo e aquilo que as concerne. É, portanto, uma atitude de valorização desse grupo; um meio de chamar atenção para questões que são do interesse feminino, que por tanto não teve como falar sobre si e muito menos sobre seus anseios. Assim, os dados apresentados pela ferramenta se fazem pertinentes aos anseios de Rupī Kaur e ao que a escritora se propõe.

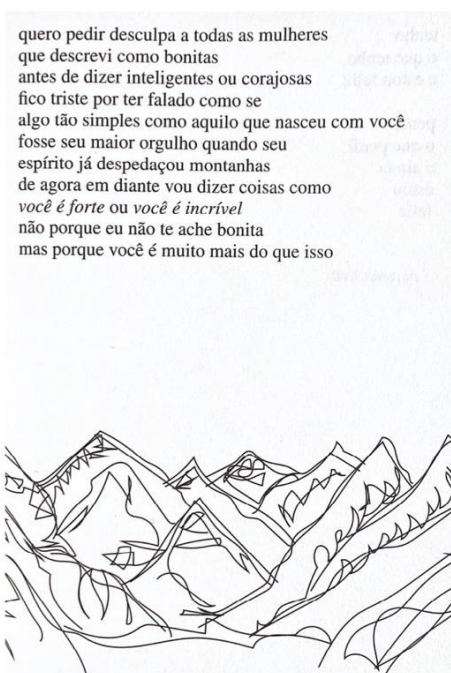
Nesse ponto, torna-se relevante destacar o uso das redes sociais feito pela poeta tanto para divulgar suas obras, quanto para compartilhar seus poemas. É importante depreender que o virtual é um “espaço de afirmação, espaço para discutir questões preocupantes, prover apoio, de elevação e também de resistência ao ódio [...] um espaço de recuperação, um espaço de cura”

---

who broke you” (KAUR, 2015, p. 155). Apesar dos poemas terem sido traduzidos para o português, optamos por manter o texto original para apresentar as palavras destacadas pela ferramenta *Voyant*.

(KRUGER, 2017, não paginado, tradução nossa)<sup>5</sup>. Essas características dialogam diretamente com as propostas feministas de conquistar o lugar na teia social e de destacar a necessidade do resistir, do apoio umas às outras e da recuperação diante dos sofrimentos. O ambiente das redes sociais da autora é usado, nessa linha de raciocínio, para construir essa reafirmação do feminino e de um apontar para novas propostas e direções. Há, assim, um caminhar para a mesma direção desses dois aspectos que corroboram para a proposta política de Kaur.

Ainda nessa perspectiva, é pertinente notar como os aspectos citados são entrelaçados pela poeta no *corpus* de análise. Falar sobre a cura, para ela, é também tocar em aspectos dolorosos — o que é explícito até mesmo na organização da obra: “a dor” é a parte que dá início à divisão dos poemas; “a cura” é a última. A questão processual, portanto, é defendida e também evidente em âmbitos distintos, não sendo excluindo das produções em si:



Fonte: KAUR, 2017, p. 187.<sup>6</sup>

Nesse poema, a força da mulher é destacada com as afirmações “você é forte” e “você é incrível”. Muito além da beleza física, essa mulher carrega, em seu espírito, a capacidade de despedaçar montanhas — uma imagem extremamente potente que combina com o tom dado aos versos pela poeta. É por isso que existe e é marcado o *querer* pedir desculpa para todas aquelas que foram elogiadas antes por suas características físicas ao invés de intelectuais. É desse modo que os termos que se destacam na seção são utilizados nas produções: marcam

<sup>5</sup> “site of affirmation, a space to discuss issues of concern, provide support, elevate spirits and also resist hatred [...] a site of recovery, a space of healing”.

<sup>6</sup> “i want to apologize to all the women / i have called pretty / before i’ve called them intelligent or brave / i am sorry i made it sound as though / something as simple as what you’re born with / is the most you have to be proud of when your / spirit has crushed mountains / from now on i will say things like / you are resilient or you are extraordinary / not because i don’t think you’re pretty / but because you are so much more than that” (KAUR, 2015, p. 179).

aspectos positivos acerca do feminino, fugindo das imposições do patriarcado e contribuindo, assim, para a construção do amor próprio que tem papel ímpar no processo de cura.

### A (re)construção da beleza

Vários são os aspectos relacionados ao padrão de beleza veiculado pela sociedade e cobrado, por conseguinte, da mulher. Diante disso, a desconstrução desse paradigma faz parte das pautas da luta feminista, sendo também uma marca dos poemas de Kaur. Assim, com o intuito de compreender como esse ponto é desenvolvido e considerando os dados gerados pela ferramenta *Voyant*, foi possível notar que o substantivo “beleza” (*beauty*) e o adjetivo “bonita(o)”/“linda(o)” (*beautiful*) apareceram, cada um, cinco vezes na seção analisada de *milk and honey* (2015). Em relação à ocorrência desses ao longo do texto, destaca-se que ela está presente na maior parte dos poemas, como se pode ver abaixo:

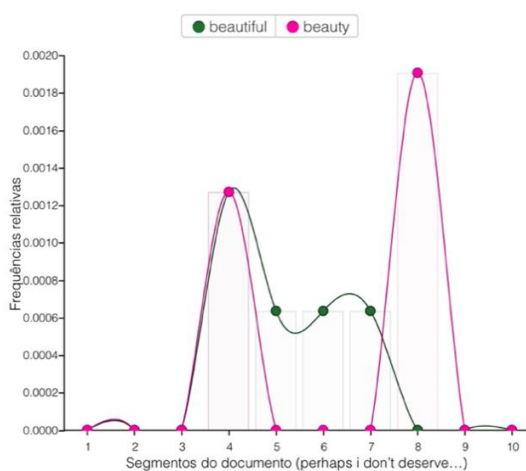
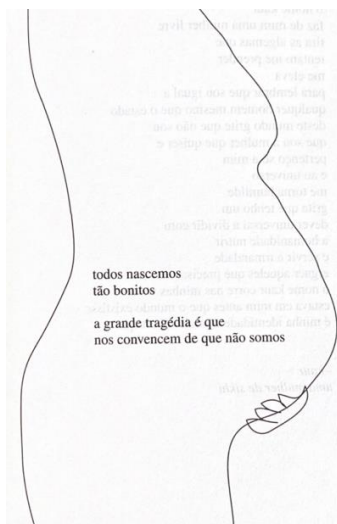


Fig. 2: Diagrama de fluxo com a evolução da frequência das palavras *beautiful* e *beauty* no corpus.

Esse diagrama de fluxo permite visualizar, como apontado, que é raro um momento no livro em que ao menos um dos termos não apareça, mostrando sua recorrência na abordagem de Kaur, a qual apresenta, em um dos poemas: “meu problema com o que consideram bonito/ é que o conceito de beleza/ se baseia na exclusão (...)” (KAUR, 2017, p. 178)<sup>7</sup>. Nessa ótica, é relevante destacar que a presença dessa temática se dá em duas vias distintas: é trazida à tona para ser criticada, ou seja, para que esse padrão estabelecido em relação à beleza seja posto em questão e criticado e, também, como um passo além, é colocada para que se proponha (e se realize na poesia) a ampliação dessa visão. Assim, a consciência da problemática envolta desse conceito é apresentada pela escritora:

<sup>7</sup> “my issue with what they consider beautiful is their concept of beauty centers around excluding people (...)” (KAUR, 2015, p. 170)



Fonte: KAUR, 2017, p. 191.<sup>8</sup>

Esse poema estabelece como a beleza é um constructo social: todos, nascem com elas, mas “nos convencem de que não somos” bonitos. E quem seriam esses que convencem do contrário e que colocam o leitor diante de padrões a serem correspondidos? Quem são os responsáveis pela criação e também manutenção de mais um modo de opressão? É de fato claro que essa figura corresponde à sociedade patriarcal, em um sentido geral, que é agente criador e difusor desse padrão. Contudo, mais do que indicar a existência desse fato, Kaur também aponta para outras possibilidades ao escrever, no mesmo poema em que fala sobre o caráter de exclusão desse conceito, “(...) acho pelo bonito/ quando uma mulher usa o pelo/ como um jardim na pele/ essa é a definição de beleza (...)” (KAUR, 2017, p. 178)<sup>9</sup>. Aponta-se, assim, para o natural da mulher que é, contrariando o imposto pelos padrões, considerado belo. Essa é a proposta da poeta.

Além disso, o termo “*beautiful*” é também utilizado na construção de um advérbio para também marcar esse desaflorar de possibilidades e reafirmar, ainda, a possibilidade de transformar a dor em cura:

fique firme enquanto dói  
faça flores com a dor  
você me ajudou  
a fazer flores com a minha  
então floresça de um jeito lindo  
perigoso  
escandaloso  
floresça suave  
do jeito que você preferir  
apenas floresça

- para quem me lê

Fonte: KAUR, 2017, p. 166.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> “we are all born  
so beautiful

the greatest tragedy is  
being convinced we are not” (KAUR, 2015, p. 183)

<sup>9</sup> “(...) i find hair beautiful  
when a woman wears it  
like a garden on her skin  
that is the definition of beauty (...)” (KAUR, 2015, p.170).

<sup>10</sup> “stay strong through your pain

Em um diálogo construído diretamente com seus leitores, Kaur incentiva o fazer flores com a dor, em um direcionamento para o processo de lidar com esse sofrimento e transformá-lo em algo significativo: “floresça de um jeito lindo” e “floresça suave”. Como um convite e um incentivo, “(...) ela se vira para os leitores enquanto dá o mesmo conselho que deu a si mesma: ‘florescer’. Isso realmente a leva a abordar as situações cruéis do mundo graciosamente; essa bondade vem da mulher recém-evoluída que pode até celebrar sua solidão e ver a suavidade como poder” (ISLAM, 2020, p. 114, tradução nossa)<sup>11</sup>. Corrobora-se, desse modo, o aspecto de não apenas apontar o problema, mas propor alternativas para modificá-lo. É assim que a cura se apresenta ao longo da seção: ela aparece como uma possibilidade para lidar e modificar a dor.

### A presença da *mulher* e das *mulheres*

Como já mencionado, o trabalho de Kaur tem uma relação direta e estreita com as mulheres, assim como ocorre com a própria poeta, que afirma a centralidade dessas figuras na sua vida e na sua arte:

é a força das mulheres que me inspirou. minha mãe, minhas irmãs, meus amigos. as mulheres ao longo da história que resistiram. que lutaram contra o patriarcado e lutaram pelos direitos daqueles ao seu redor [...] desde que abracei e comecei a nutrir a irmandade em nível de base em minha comunidade, eu realmente comecei a crescer e tenho sido capaz de ajudar e ver outras mulheres crescerem. e é sobre isso. o poder de se erguer. temos isso dentro de nós e temos que usá-lo. (KRUGER, 2017, não paginado, tradução nossa)<sup>12</sup>.

É esperado, diante disso, que a centralidade de *milk and honey* (2015) seja construída ao redor da figura da mulher e daquilo que a concerne, mas em relação à ocorrência de termos, como já apontado, isso não acontece. A partir dos dados gerados pelo *Voyant*, notou-se que “mulheres” (*women*) ocupou apenas o quarto lugar na recorrência de termos, contando com 8 repetições ao longo do *corpus*, enquanto o termo “mulher” (*woman*), em sétimo, ocorreu 6 vezes. Diante disso, ao se aprofundar a análise nos poemas em que o segundo é utilizado, nota-se que, mesmo quando está indicando o singular, há um senso coletivo extremamente forte que

---

grow flowers from it  
you have helped me  
grow flowers out of mine so  
bloom beautifully  
dangerously  
loudly  
bloom softly  
however you need  
just bloom

- to the reader” (KAUR, 2015, p. 158).

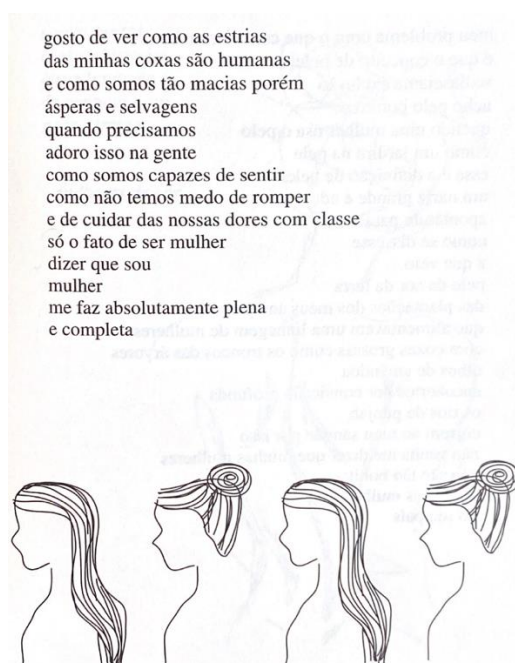
<sup>11</sup> “she turns to the readers as she gives the same piece of advice she gave herself: to ‘bloom’. This verily leads her to approach the cruel situations of the world gracefully; that kindness is from the newly evolved female who can even celebrate her solitude and see softness as the power.”

<sup>12</sup> “it’s the strength in women that has inspired me. my mother, my sisters, my friends. the women throughout history who have endured. who have fought against patriarchy and fought for the rights of those around them [...] since i’ve embraced and began to nurture sisterhood at a grassroots level in my community, i’ve really started to grow, and have been able to help some and see other women rise. and that’s all it’s about. the power to uplift. we have that within ourselves and we have to use it”.



circunda essa utilização. Dessa forma, mesmo quando se marca esse individual com a palavra “mulher”, o recado continua se destinando ao plural mulheres, através do reforço de aspectos relacionados à importância da auto aceitação e do auto amor.

Por esse ângulo, torna-se importante também destacar como a abordagem de Kaur é completa ao gerar intercâmbio entre o pessoal e o geral em um constante transitar, falando aos dois âmbitos, como apontado por Miller (2019). Ao tratar de temas universais, como machismo, trauma, amizade, amor e violência, a poeta inevitavelmente demarca, em seus poemas, essa amplitude, recorrendo ao falar com a coletividade que é chave central em seu trabalho. Todavia, ela não deixa de também marcar o individual e a necessidade de se vivenciar a evolução no singular para que isso seja, posteriormente, compartilhado com todas as outras. Torna-se possível vislumbrar que “Essa sororidade é central para sua identidade e liberação. Sua voz muda de local para universal, de pessoal para geral” (ISLAM, 2020, p. 115)<sup>13</sup>, em um constante falar para as mulheres. Esse ponto se destaca nos escritos de Kaur:



Fonte: KAUR, 2017, p. 177.<sup>14</sup>

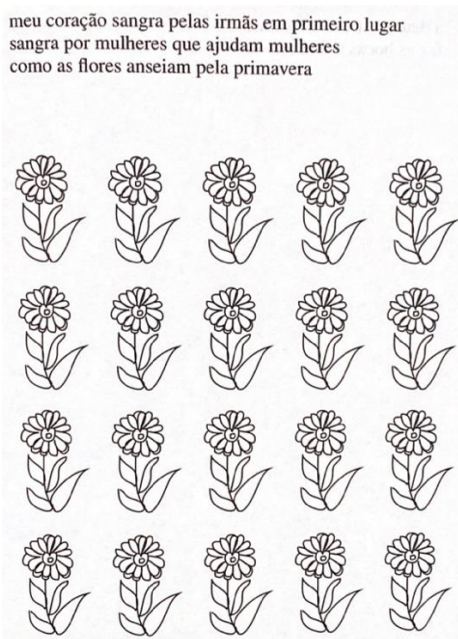
Aquilo a que é destinado um olhar de desgosto e crítica e que acaba por gerar sofrimento para a mulher é elevado na poesia de Kaur: as estrias são definidas como marcas inerentes ao

<sup>13</sup> “This sorority is central to her identity and liberation. Her voice turns from local to universal, from personal to genera”.

<sup>14</sup> “i like the way the stretch marks on my thighs look human and that we’re so soft yet rough and jungle wild when we need to be i love that about us how capable we are of feeling how unafraid we are of breaking and tend to our wounds with grace just being a woman calling myself a woman makes me utterly whole and complete” (KAUR, 2015, p. 169)

‘ser-humano’ e, mais ainda, são afirmadas não como algo indesejado, mas como desenvolvedor de uma aspereza e selvageria positivos encontrados na mulher. Esse fato corrobora com a ideia de que “A tarefa da literatura de mulheres radicais deve ser substituir as imagens secundárias e artificiais que as mulheres recebem de uma sociedade masculina chauvinista por identidades autênticas e primárias” (SHOWALTER, 1999, p. 314-315, tradução nossa)<sup>15</sup>, como pode ser visto na produção acima. Além disso, a palavra “somos”, presente no terceiro verso do poema, explicita a questão do coletivo que permanece mesmo quando, ao final, “mulher” no singular aparece. Nesse viés, não se trata apenas algo pessoal da mulher, mas de uma mensagem extremamente plural acerca da quebra de padrões que vêm sendo impostos há tanto pela sociedade: a marcação de que “sou mulher” é levantada como uma estratégia para reafirmar a valorização que deve ser destinada a essa figura, que só por possuir essa característica já se sente plena e completa. Esse valorizar é, por sua vez, ampliado quando se encontra o coletivo, fazendo ecoar a ideia de que tudo aquilo que caracteriza o feminino é responsável por, acima de tudo, empoderá-lo e, conseqüentemente, torná-lo mais forte. É desse modo que o diálogo estabelecido pela poeta entre individual e coletivo faz a luta ganhar força e se destacar em seus escritos.

Por fim, é possível somar às ocorrências de *women* (8) e *woman* (6) a de dois outros termos: “*sisters*” (irmãs), que ocorre duas vezes no trecho selecionado para estudo, e “*sisterhood*” (irmandade), que aparece uma. A palavra “irmãs” aparece até mesmo como um sinônimo de mulheres, como pode ser visto na produção abaixo:



Fonte: KAUR, 2017, p. 195.<sup>16</sup>

É possível notar que apesar dos termos “mulher” e “mulheres” não aparecerem, no levantamento feito pela ferramenta utilizada, o *Voyant*, ocupando as primeiras posições nos termos mais recorrentes no *corpus* analisado, suas ocorrências carregam o mesmo senso coletivo que perpassa *milk and honey* (2015) como um todo. Esse falar para as mulheres e sobre

<sup>15</sup> “The task of radical women’s literature should be to replace the secondary and artificial images women receive from a male chauvinist society with authentic and primary identities.”

<sup>16</sup> “my heart aches for sisters more than anything  
 it aches for women helping women  
 like flowers ache for spring” (KAUR, 2015, p. 187).

as mulheres é, indiscutivelmente, uma marca da obra de Kaur e é evidenciada, entre outras razões, pela soma de ocorrência dos termos citados (*woman, women, sisters, sisterhood*), totalizando 17 repetições — assumindo, assim, a primeira colocação na tabela com a relação e a contagem das palavras.

## Conclusão

A partir do uso da ferramenta *Voyant* e da posterior análise dos dados obtidos em relação aos poemas, foi possível vislumbrar como o processo de cura é construído na seção de mesmo nome: ela evoca um senso coletivo mesmo ao perpassar o âmbito pessoal, marca a necessidade da valorização da mulher, produz e leva à subversão de padrões impostos pela sociedade patriarcal e promove a auto aceitação como primordial para transformar a dor em cura. A cura é marcada, como apontado por Rupi, pela necessidade de traçar uma nova caminhada com destino a si e é nessa perspectiva que o reconciliar com si mesma ganha uma dimensão coletiva e representa, em *milk and honey* (2015), um reencontrar das mulheres com suas forças e potências. O processo é palpável: como apontado pela poeta, “você olha para mim e chora/ *tudo doí/ eu te abraço e sussurro/ mas tudo pode curar*” (KAUR, 2017, p. 189)<sup>17</sup>. Essa é a direção que Kaur deixa registrado em seus poemas.

## RUPI KAUR: GOING THROUGH PAIN TO ACHIEVE THE COLLECTIVE HEALING

**ABSTRACT:** This article aims to analyze how the aspect of healing is established on *milk and honey* (2015), written by the contemporary poet Rupi Kaur. The *corpus* of analysis comprehends the last section of the book, which is named “the cure” and has 58 poems. In order to develop this analysis, besides considering the works of feminist literary critics, such as Elaine Showalter (1979) and Lúcia Zolin (2019), the tool *Voyant*, which enables the generation of linguistic data available in the linguistic scope, corroborates for the development of more complete analysis about the topic.

**Keywords:** Female Authorship. Rupi Kaur. *Milk and honey*. Poetry. Healing.

## Referências:

VOYANT [software]. Disponível em: <<https://voyant-tools.org/?corpus=d0089e3d5de2e012fee283b32e662c9f>>. Acesso em: 18 out. 2016.

GARCIA, D. A.; PRANDI, M. B. R.; LOZANO, M. F.; SOUSA, L. M. A. E. Sem “leveza na língua”, a voz poética de Kaur: da denúncia à homenagem. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 83-90, 12 jan. 2018.

HERNÁNDEZ, Lucía Sánchez-Valdepeñas. *The self-publishing phenomenon: Rupi Kaur and the new democratisation of Poetry*. 2017. 26p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filologia, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 2017.

---

<sup>17</sup> “you look at me and cry  
*everything hurts*

i hold you and whisper  
*but everything can heal*” (KAUR, 2015, p. 181).

ISLAM, Mohammad Tanvir. A Gynocritic Study of Rupi Kaur's Milk and Honey. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation (IJLLT)*. p. 109-115, 2020. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3546840>>. Acesso em: 17 out 2020.

KAUR, Rupi. *Milk and honey*. Kansas City: Andrews McMeel, 2015.

\_\_\_\_\_. *Outros jeitos de usar a boca*. Tradução de Ana Guadalupe. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KRUGER, Sasha. The technopo(e)litics of Rupi Kaur: (de)colonial aesthetics and spatial narrations in the DigiFemme age. *Ada: A Journal of Gender, New Media and Technology*, 2017. Disponível em: <<https://adanewmedia.org/2017/05/issue11-kruger/>>. Acesso em: 3 maio 2020.

MILLER, Alyson. *Poetry's Beyoncé: on Rupi Kaur and the commodifying effects of instapoetics*. Axon, 2019.

SHOWALTER, Elaine. *Towards a feminist poetics*. 1979. Disponível em: <[https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Toward\\_a\\_Feminist\\_Poetics.htm](https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Toward_a_Feminist_Poetics.htm)>. Acesso em: 17 out 2020.

\_\_\_\_\_. Beyond the female aesthetic: contemporary women novelists. In: \_\_\_\_\_. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton University, 1999. p. 298-319.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina brasileira contemporânea: escolhas inclusivas? ENCONTRO DE LITERATURA DE AUTORIA FEMININA, 1., 2019, Juiz de Fora.

**Data de submissão: 25/09/2020.**

**Data de aceite: 12/11/2020.**